

Silente Claustro

Luciano Paris

São Paulo
Abril, 2002

silenteclastro@yahoo.com.br

Eliana, sol de meus dias, dedico-te estas singelas linhas, como um retrato em branco-e-preto de minhas angústias mundanas e de meu irrevogável amor por ti.

"O homem está condenado a ser livre"
Jean-Paul Sartre

Sumário

Prefácio	6
Artesão	7
Sexográfico	8
Grafogenia	9
Graphos	10
Escrever	11
Elevador	12
De olhos fechados	13
Matemáquina	14
Colágeno.....	15
Sonata	16
Jardim Botânico	17
Fraternal	18
Involução	19
Sonhadores.....	20
Family Life	21
Sorrisos em fotos.....	22
Fissão.....	23
Febre.....	24
Lama.....	25
Abeiraço	26
Meninos e pipas.....	27
Exocardia.....	28
Clímax.....	29

Confusina.....	30
Nó.....	31
O despertar vazio.....	32
Solícito	33
Loquacidade	34
Voraz Silêncio	35
Promessa.....	36
A florzinha	37
Respeito	38
Contradito	39
Arfar	40
O Preço	41
Sexta Platônica.....	42
A Metrópole	43
Descolar	44
Retrocesso	46
Avenida Paulista.....	47
Recolhimento.....	48
O autor	49

Prefácio

O material deste livro foi elaborado entre os anos de 2001 e 2002, essencialmente em quartos de hotel, na cidade do Rio de Janeiro para onde, por questões profissionais, viajei com razoável freqüência nesse período.

O universo vivido nestas linhas é o claustro, a prisão, o limite físico, que, invariavelmente, interferem no mundo mental. O poder devastador do silêncio, da frieza das paredes, da monotonia da distância. Isto é "Silente Claustro": um ponto no tempo-espço em que o espírito é algoz e vítima de sua própria expansão. Um buraco negro metafísico.

Entretanto, devo salientar que a constância da escuridão e do forte odor de mofo, não fez sucumbir o anseio pela retomada. A perseverança na busca pela rota de fuga, ainda que por pequenas frestas abertas pela tinta no papel.

O senso de urgência, a profusão das mensagens e imagens da mente, a eloquência. Elementos que se contrapõem à morbidez do claustro, também são encontrados aqui.

Espero, sinceramente, que estas despreziosas páginas despertem no prezado leitor alguma emoção e nenhuma indiferença.

Integre-se, pois, a este universo particular. Não se deixe limitar pelo claustro, e, de forma alguma, resigne-se silente.

Boa viagem.

São Paulo, 19 de maio de 2002

Artesão

Teço meus breves dias
sob o cinza-escuro
destes terraços.
Faço que faço
no passo em falso,
nos calabouços
deste porão.
Vendo meus olhos
no momento do perigo.
Sexagesimal parte
da trajetória errante
da brisa doce
desta manhã nublada.
Vibrante melodia enlatada,
entalada em meus pulmões,
vírgulas da estrada azul,
chaminés, vulcões
no asfalto liso
de meu bairro
sul-zoneano.
Teço meus breves dias
sob o amarelo deste sorriso
nicotínico, cínico,
alcatrônico, eletrônico.
Microondas,
metrô.
E cá estou,
breves dias,
cinza-escuro,
terraços,
faço,
jazo.

Sexográfico

A escrita íntima,
a despeito da rotina,
fecundando-me o dia
aquecendo a tinta
no veio de bronze.

Esperando a sangria,
o papel, feito virgem
jubilosa, à mesa
de profana alegria.

O poeta, bem louco,
bêbado, um pouco,
completa a orgia.

Grafogenia

Rabisco, ao fim do dia,
o branco virgem.
Maculo-o com a tinta
da pena rápida.
O traço se faz vida
e salta ante meus olhos.
Chora,
canta,
grita,
toma corpo, sai às ruas
e já não posso contê-lo.
Aprecio-o a gozar
da recém auto-outorgada
liberdade de viver.
Temo por suas andanças,
temo que tropece
nas vírgulas
que não lhe ensinei
a saltar.

Graphos

Por que preencher estas linhas?
Por que? Se nem mesmo linhas
existem nesta página em branco?
Por que meus pensamentos torrenciais
desabam nesta procela de anseios
e me obrigam a macular
esta página de paz?
Em que tempestuosas paragens
vaga esta minha mente atormentada
enquanto meu corpo se agita
em mais uma noite insone?
De que discussões participo
nos planos sutis que percorro
nestas noites solitárias de hotel,
que tanto me afligem
e que tanto me fazem pensar
nos dias que se lhes seguem?
E, finalmente, por quê?
Por que tenho que escrever tudo isso?
Por que este senso de urgência
perante a página branca?
Respondei-me, vós que ledes.

Escrever

Escrevo para que passem as dores.
Para que meu espírito se acalme
e as coisas do mundo
não me inundem a alma.

Escrevo por "precisão".
Escrevo para atacar a dor
para celebrar a alegria,
anestesiando o chão que
violento com meus passos.

Escrevo para acelerar o peito,
para desobstruir as vias aéreas,
para que o coração não falhe.

Escrevo para recusar o fracasso humano.
Escrevo para anular o lado animal
Escrevo para sublimar-me
E sentir-me um pouco melhor.

Elevador

O elevador não é um lugar,
é um momento,
algo espiritual.
O elevador é o nosso purgatório
de privações e constrangimentos.
É através do elevador
que pagamos os nossos
pecados organizacionais.
O elevador nos obriga
a encararmos os nossos demônios
e, muitas vezes,
os demônios alheios.
O elevador não é resultado
da engenharia,
é resultado da magia negra
dos nossos xamãs ancestrais,
é instrumento de punição
por termos aumentado tanto
em número (e gênero)
que, não nos comportando
mais para os lados,
o mundo nos expulsou para cima.
O elevador é o tempo exato
da expiação de nossas culpas
e nossos mais íntimos delitos.
O elevador, realmente,
nos ajuda a ir para o céu.

De olhos fechados

Hoje, para que conseguisse
a divina dádiva
do sono revigorante,
despi-me das idéias
que, revolucionariamente,
assolavam-me os pensamentos.
Assombramentos caóticos
nos devaneios que tive
mantiveram-me desperto
por toda a noite que se foi.
Hoje será diferente:
dormirei em paz;
salvarei-me de meu próprio fim.
Resgatarei, de minhas próprias
convicções, as certezas
que cultivo em segredo
para socorrer-me nestes momentos
e repousarei seguro,
absolutamente convencido
de que tudo está bem
de que tudo está no lugar.
Ao menos por esta noite
tentarei o pacífico silêncio
da tranqüilidade senil,
e assim permanecerei
pelas horas
até que, no próximo semáforo,
uma criança, novamente,
me aborde
e me acorde deste sono plácido,
preparado com tanto esmero
à base de preconceito e comodismo,
embalado por meus braços fracos,
confortavelmente, cruzados.

Matemáquina

Determinante,
matriz
vetorial,
fator
integral.
Exatidão fugaz
dos cálculos
dos homens.
Caixa de remédios,
fás sustentados,
si bemóis.
Sol,
quadrante,
quartil,
tangente,
cossecante,
senoidal.
Maquiavélica conspiração
numérica
para tornar
o meu dia feliz.

Colágeno

Apaguei o número de seu telefone
para não ceder aos apelos do subconsciente
e evitar as armadilhas dos enganos intencionais
que minhas mãos insistem em cometer.
Limpei de meus arquivos teus registros,
para que nem de canto de olho
possa eu correr o risco de trair-me,
ainda que isso ocorra
de forma naturalmente premeditada.
E todas as marcas que eu tinha no coração
eu as deletei de forma definitiva
mesmo que, só por existirem, ele funcionava.
Fiz isso para evitar que ele, ainda,
num instante de nostálgico desapego
bata, sequer uma vez, em tua memória.
Despi-me de tudo o que pudesse fazer-me,
ainda que por um fugaz lampejo da mente,
reviver os dias gástricos a esperar-te.
Após resolvidas estas questões internas,
percebi o quão presente em mim estavas
ao observar, incrédulo, o que sobrara
deste particular acerto de contas:
meu ser despedaçado ao chão.
Tento reunir o que ainda me serve
e refazer-me para seguir meu caminho.
Colar meus cacos uns aos outros:
tarefa que elegi para encerrar
meus dias sem mais esperar por ti.

Sonata

Ela: oops!

Ele: putz!

E compõem

a doce sinfonia

com a qual

eu-pai-pasmado

deleito-me

todos os dias.

Jardim Botânico

Por que deveria poupar-vos de meus olhos?
Por que deveríeis poder gozar, impunes,
da solidão natural
deste recanto silencioso?
Respondei-me,
do alto de vossa majestade,
qual decreto as isentará
de meu mirar inquiridor?
E qual poder coercitivo
manter-vos-á a salvo
de minhas lentes
ávidas por vossa beleza impávida
indiferente ao movimento do mundo.
Ignorantes às dores do homem,
naturalmente negligentes sois.

Fraternal

Estão vós todos
neste barco
louco
que desce,
desgovernado,
os niágaras
de meu peito.

Involução

Resistência

senil

Imprudência

juvenil

Inocência

pueril.

Sonhadores

Entrarei no quarto
e depositarei as chaves
sobre a mesa de canto.
Jogarei minha mala
ao chão
e meu corpo à cama.
Sonharei com dias
melhores
e farei planos no papel.
Depois, te chamarei
ao telefone
e te contarei, feliz,
a minha mais nova
idéia.
Adormecerei, então,
ao som de teu riso
de concordância.
Ao despertar,
o taxi me levará
e trabalharei por um dia inteiro
rindo só e baixo,
lembrando-me de
teu riso doce ao telefone
a concordar
com meus delírios.

Family Life

Eu juro que fumaria bem menos
se pudesse estar aí com vocês.
Tenho certeza de que estaria
em paz, mesmo sob o
canto lírico de Camille.
E poderia afirmar,
sem nenhum medo,
que as tiradas cômicas de Lucas
são infinitamente superiores
às dos programas que assisto
na TV a cabo.
Se pudesse estar aí com vocês,
meu sono conturbado, ao menos,
serviria para levar as crianças
ao banheiro de madrugada
e não me sentiria tão culpado
por não dormir.
E, mesmo tendo que acordar tão cedo,
os deixaria dormindo
e gozaria do inexplicável
prazer do zelar pelo outro.
Se pudesse estar aí com vocês,
estaríamos tomando leite
com chocolate na varanda,
e poderia dizer o quanto os amo.
Se pudesse estar aí com vocês
eu não beberia tanta Sukita
e juro que fumaria bem menos.

Sorrisos em fotos

Sorrisos em fotos
serão nossos rastros,
os registros de nossa
efêmera alegria inocente.
Em fotos antigas,
nossos filhos
poderão constatar
a nossa melancolia risonha
e, do silêncio destas
caricaturas silenciosas,
acenaremos-lhes
e desejaremos-lhes
um futuro melhor.
Torço que eles entendam
que, independente de
nossos planos,
de nossos atos
e de nossas omissões,
seremos todos, ao final,
simplesmente,
sorrisos em fotos.

Fissão

O silêncio daquele momento
ainda pode ser percebido
no vazio de meu olhar triste,
e toda a paz que dele se esvaiu
está derramada no mesmo chão
em que pisaram meus pés descalços,
arrastados pela estrada de desterro
na qual perambula meu corpo
já sem vida.

E o que restou de nossos pêlos
espalhou-se na relva ao vento
seco da brisa que nos afagou
naquele derradeiro instante
em que percebemos nossas vidas
tomarem rumos distintos, e,
à revelia de nossos desejos,
separarem-se.

Febre

Se congelo a janela
e tomo-a para mim,
domino o tempo
que não me pertence
e brinco de Deus.

Se pinto a porta de verde
e a maçaneta de azul
e as faço flutuar
sobre o manto cinza
da cidade,
domino as almas
que também não me pertencem
e brinco de Dali.

Lama

Longe de teus afagos
o trago amargo
me acompanha
pela orla,
dando-me tapinhas
cúmplices nos ombros,
levando-me para longe.
O farol ilumina o mar,
e em minha frágil
segurança moribunda
afogo-me nas calmas águas
da baía de Guanabara.
Longe de teus afagos,
afaga-me a morte
no mar.

Abeiraço

Abeire-se
abraçe-me
aqueça-me
derrame-se
em meu peito largo.
Acenda a chama
branda e
constante
do abeirar-se
amigo.

Meninos e pipas

Voai, crianças,
no alvoroço de vossas pipas,
vossos brinquedos
alados, pálidos, feridos.
Deixai que vossa alma volite
pelos espaços do infinito,
deixai vossa paz, neste grito,
viajar aos meus ouvidos,
ávidos, atentos, aturdidos.
Deixai que eu vos ouça
e regozije-me em vosso
estardalhaço.
Permitam-me romper
as amarras de minha dor
e colher a flor
que desabrocha rubra
em meu coração de aço.

Exocardia

Meu coração dilacera-se
ao sol que também te aquece.
Esqueça tudo o que disse,
sente-se ao meu lado.
Mima-me.
Exporei minhas entranhas
sob o sol
e farei greve de fome
para te convencer de minha dor.
Minha autopiedade é de dar dó.

Clímax

Se não grito,
gritas tu.
Brade louca,
lave a louça
e gire, levemente,
teu joelho para a
esquerda
de tua saia justa.
Tire as meias
pela cabeça
e, antes de min,
arrefeça.

Confusina

Vagar por este espaço medíocre,
banhar-me e ligar o ar,
pedir meu jantar, aguardar.
Ouvir rádio, ver TV, descansar.
Recompor-me,
entregar-me, sem reservas,
às peripécias possíveis
neste quarto,
num hotel do Flamengo.
Não entendo.

Nó

Agora só restam os pêlos
as traças se foram
e os ácaros, famintos,
sucumbiram ao meu perfume.
O carpete foi substituído
e o novo piso, polido,
ficou muito melhor.
Agora só restam as partes,
as peças já foram montadas
e o quebra-cabeças já
não é mais um mistério.
As larvas cresceram
e estão moscas.
Agora só restam os dedos,
as cordas estão no pescoço
e o alçapão já vai ser aberto.
Abra, portanto, por favor,
aquela janela à direita
para que eu possa ver,
por um instante,
as crianças correndo
na rua.

O despertar vazio

Se anotas meu despertar
já não estarás aqui
quando a luz do sol
invadir meu quarto frio,
e tua voz não me dirá
"seven o'clock"
amanhã bem cedo
acariciando-me os ouvidos.
Se anotas meu despertar,
fugirás como a última estrela,
esvaziando o céu
e levando o último feixe
de luz contigo.
Acordarei no silêncio
pois anotaste meu despertar
para poderes ir
e não carregares o peso de
meu atraso matinal.
Mas não poderás deixar
para trás a parte de mim
que te seguirá por onde
quer que andes.
Embora sintas-te
aliviada pelo recado que
deixaste.
Se anotas meu despertar
já não estarás aqui
quando a luz do sol
invadir meu quarto frio
e eu, em vão, procurar
por ti.

Solícito

Por que agradecer-me,
se foste tu quem me alegrou a noite?
Não te sintas obrigada.
Não me obrigues a dizer-te.
Não me emocione
com teu olhar de estrelinha.
Como? Não sabias de teu
olhar de estrelinha?
Pois não te contarei,
para que não me agradeças.
Padeça no reino da curiosidade.
Se te contar, mais uma vez
agradecer-me-ás e partirás
dizendo: "muito obrigada".
Não te sintas assim:
obrigada.
Desobrigue-te e abraça-me
por querer.

Loquacidade

Permita que teus densos lábios
bombardeiem-me os ouvidos.
Fale-me o quanto quiseres.
Ouvir-te-ei plácida e apaixonadamente.
Deixe teu olhar de estrelinha
furar-me os olhos,
e não reproves tuas mãos
por ensaiarem meu estrangulamento.
Sintas-te à vontade em tua
voluptuosa e cinestésica eloquência.
Entretanto, quando teu discurso esgotar-se,
não impeças tuas mãos de acariciarem-me a face,
não proibas teu olhar de perscrutar-me a alma,
nem teus lábios de descansarem nos meus.

Voraz Silêncio

Teu silêncio levou-me a paz,
roubou-me as horas do dia,
violentou-me o sono.
Agiu assim: solitário,
sorrateiro e ardiloso.

Química muda que transborda
de teus olhos,
ecoando em meu espírito
árido e silente,
a aguardar-te.

Não sei se silencias-te por ação,
omissão, ou prazer.
Dispa-te desta veste onírica,
permita-me acalmar
a imaginação voraz
e sentir teus lábios concretos.

Promessa

Tentarei não desejar-te tanto
nem tão ardentemente quanto agora.
Respeitarei tua liberdade,
teus sinais e teu direito ao silêncio.

Tentarei não fantasiar coisas
e considerarei, com atenção,
o teu direito de não vir.
Calarei, simplesmente,
omitindo minha morte lenta.

Diante de teus olhinhos
que piscam rápido,
espero que baste.

A florzinha

Hoje brotou uma flor em meu braço esquerdo.
Tão pequenina, tão indefesa.
Não pude conter-me e chorei.
Senti que, de tantos lugares
ela havia, por deliberação unilateral,
escolhido o meu braço esquerdo.
Fiquei ali, extasiado com a visão,
de tão singular beleza.
E quanta singeleza havia
naquela florzinha que
resolvera habitar-me.

Observei durante alguns minutos.
Ela permanecia imóvel,
como a esperar por minha reação.
Tinha alguns compromissos
para o horário do almoço,
mas como pensar em almoço
após um acontecimento de tal natureza?
Senti-me culpado.
Decidi olhá-la por mais alguns
minutos e mantive-me assim:
contemplativo e embasbacado.
Decidi dedicar-lhe o dia.
Não fiz mais nada, desde então.
Ao final da tarde, ela decidiu ir embora.
Perguntei-lhe se a havia desagradado,
esquecendo-me que flores
não respondem a perguntas
desinteligentes.
Calada, então, ela se foi.
Silenciosa como veio,
ela se foi.

Respeito

Desincumbido de falar-te
recolho-me, também,
ao silêncio de minhas horas mornas
desta tarde de outono
com ares de verão.

Devoto-me, então, a questões
mais objetivas que decifrar-te o calar.

Prometo-me não mais tentar invadir-te.
Contento-me com o que me ofereces
sob a forma de duas bolinhas brilhantes,
que piscam diante de mim.

Tranco meu espírito no
calabouço deste castelo metafísico
que eu mesmo construí.
E minha sentença, auto-infligida,
é perpétua.
Entrego-te as chaves
e podes seguir teu caminho,
em silêncio,
em paz.

Contradito

Sinto você,
Teu jeito de pedra,
Teu gaguejar,
Teu olhar.

Sinto você
e todas as tuas coisas.
Teu cheiro morno,
Tua alma,
Teu silêncio mórbido.

Lua de gelo,
Imã cósmico
de meu norte glacial.

Luz galáctica,
Supernova,
Sol de meus dias sórdidos.

Rubra rosa
de meu jardim de girassóis.

Sinto você,
E assim ficamos:
tão próximos,
tão sós.

Arfar

Quando, finalmente, o silêncio
apodera-se de meu apartamento.
Quando desligo o rádio e a TV.
Resta-me o ruído da rua,
a brisa suave e artificial
do circulador de ar
e a sufocante sensação
de que algo não vai muito bem.

Quando é noite e tento dormir,
meu corpo insiste em vagar
da cama à escrivaninha
como a hesitar entre
o descanso fisiológico
e o lazer espiritual.

Escrevo, nestas horas frias,
para não ausentar-me de vez,
para não entregar-me à insanidade,
para agarrar-me, numa atitude
última de desespero,
aos poucos fios de lucidez
que ainda mantém-me ao chão.

O Preço

Ironia do destino:
Eu, cá tão distante,
vocês, aí tão próximos.

Quantas surpresas a vida ainda
nos reserva?

Que estranhos hábitos
cultivaremos no espaço
roçado de nossas
presenças, mutuamente,
subtraídas?

E quantas vezes pensaremos
no outro para equilibrar a balança?

Quanto temos no peito
para patrocinarmos
esta aventura?

E quantos adeus serão
necessários para que
possamos viver juntos,
em paz,
normais?

Sexta Platônica

Gosto da noite de sexta-feira:
ela é maior.

Posso ir dormir tarde
sem culpa, sem riscos.
Posso escrever, ouvir música,
olhar a rua,
beber dois litros de Coca-Cola,
e ainda acordar, no sábado,
de bem com a vida.

A noite de sexta-feira
permite-me avançar todos
os limites, sem ouvir os
apitos da consciência.

Posso tudo na noite de sexta-feira.
Posso, inclusive, dormir e,
por alguns instantes,
manter-me tranqüilo,
abraçado a vocês
em meus sonhos.

A Metr6pole

A solid6o cega de suas ruas,
A imagina76o f6rtil de seus filhos,
A sombra de seus edif6cios,
O grito de seus becos feridos.

A fome de suas esquinas,
O brilho de seus far6is,
A surdez de seus transeuntes,
A morbidez de seus necessitados.

A sujeira de suas avenidas,
O mal-cheiro de seu ar.

A insist6ncia animal na sobreviv6ncia,
A perseveran7a de suas pontes,
A const6ncia de suas chuvas.

A minha indiferen7a e a sua arrog6ncia,
As nossas diferen7as de n6mero, g6nero, grau,
classe gramatical, e tempo verbal.
Mas tudo se conjuga,
Tudo se comunga,
Tudo se subtrai.

Atrai-me como aranha,
com seus bra7os de arranha-c6u.

Descolar

Partes de mim voam pelo apartamento.
Aprendi a ignorá-las em seu vôo exibicionista.
Apenas as observo, de soslaio,
Mas não me arvorou a aplaudí-las,
por mais que me sinta inclinado.

Elas se descolaram durante a noite,
mas não é a primeira vez.
Não as considero mais que
incômodos mosquitos,
e estou certo de que me seguirão
por onde quer que eu vá.

Partes de mim arrastam-se pelo corredor,
seguindo-me até o elevador.
Aprendi a dar-lhes a vez,
e, vez ou outra, as convido para jantar.
Elas são gluttonas, mal-educadas,
e se atrapalham com os talheres.

Outras partes de mim, tenho percebido,
observam-me, atentamente, no metrô.
Imaginam, acredito, saberem de meu
paradeiro. Estão erradas.

Tantas delas já se descolaram que sou outro.
Não sou o que elas observam.
Vivo em outro tempo, em outra densidade material.
Meu espectro é o que as confunde.

Partes de mim ainda mantêm-se fiéis.
Poucas, posso dizer.
E não posso afirmar que sejam as mais honestas.
Não têm vida própria, e se alimentam de meu ectoplasma.

Estas consistem em meu tormento.
Ainda pesam suficientemente,
e incomodam-me com queixas sem fim.
E, ao final do dia, clamam por sono.

Tenho esforçado-me para aprender
a tratar com as peculiaridades de
cada uma destas partes que,
ora voam, ora se arrastam, ora observam,
e tentado ter uma vida normal.

O dia em que me aborrecer de vez,
descolo-me delas, definitivamente.
Aí sim, quero vê-las brincando
sem terem para onde voltar.

Retrocesso

Você se fechou
e eu a respeito.
A respeito, inclusive,
nada tenho a dizer.

As coisas, finalmente,
entram nos eixos
e voltam a ser
o que jamais foram.

As coisas voltam.
Mas não são.

Voltar-me a mim mesmo:
exercício de viver.
Agora, de volta,
olhar-me no aço
dos reflexos.

Repor-me ao lugar,
sentar, esperar,
que volte para cá,
de onde voltou
para de onde veio.

Avenida Paulista

Olhares perdidos,
desencontrados,
encadeados à montanha bélica
de edifícios azuis.

Passos rápidos,
passos lentos,
multiplicados pelas esquinas.

Frias corredeiras de gente,
Espancando pedras automotivas
No teatro urbano, descabido.

Desafio urgente, amarelecido.
Escaramuça tola,
Rostos empalidecidos.

Desatinos pessoais,
chuva ácida.
Beira do caos,
beira do cais.

Recolhimento

Não subirei no telhado.
Deitarei meu corpo
nesta cama.
Nada de pânico,
Nada de desespero,
Nada de vômito.
Somente um sono pacífico,
E uma noite atlântica bem dormida.
Bons sonhos
e a esperança
de um domingo melhor.

O autor

Luciano Balbino Paris tem 31 anos, é natural de Cachoeiro de Itapemirim, no estado do Espírito Santo e vive em São Paulo, onde trabalha como analista de sistemas desde janeiro de 2000.

Solicita aos seus leitores que, caso desejarem, sintam-se à vontade para comentarem suas impressões sobre este livro através do endereço eletrônico silenteclaustro@yahoo.com.br.